

# RELAÇÕES HOMOCOMERCIAIS EM UM CLUBE *PRIVÉ* NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: RECINTOS, AMBIENTES E TERRITORIALIDADES DE BOYS E CLIENTES.

Eixo: Población, género e identidad

Miguel Angelo Ribeiro, UERJ – IGEOG, mamikisi@gmail.com

Rafael Oliveira, UFRR – Departamento de Geografia, rafasolufrr@gmail.com

## Resumo

Este artigo se propõe a discutir as relações entre os garotos de programa ou boys e seus clientes, a partir da organização interna (especialidade) de um clube *privé* selecionado, e como essas relações se manifestam.

Esses espaços fechados organizam microterritórios (nanoterritórios), nos quais regras, normas de conduta, códigos e práticas são determinados por seus proprietários ou responsáveis pelo estabelecimento e devem ser respeitados pelos boys e clientes que os frequentam, apresentando uma dinâmica extremamente singular (Maia, 2007), na qual as relações de poder se manifestam e o espaço físico é composto de elementos socioespaciais produzidos pela ação humana e apropriados por agentes sociais em um dado momento.

A prática social da prostituição masculina incorpora as duas faces do mesmo processo: a expressão física e materializada no espaço, a partir dos diferentes ambientes; e a expressão simbólica, que se concretiza segundo códigos que identificam esse microterritório, embebida em relações sociais pelo poder de afirmação e de representação do “macho”.

Diante da problematização e objetivos apresentados, duas questões emergem para indagação deste fenômeno. Quais relações são estabelecidas entre boys e clientes para configurar as territorialidades? Quais ambientes são identificados no clube selecionado e quais relações se manifestam?

Para cumprir o objetivo e responder aos questionamentos propostos, a metodologia de pesquisa utilizada foi o trabalho de campo com etnografia móvel, levando em consideração aspectos da observação participante e da análise das práticas discursivas em diferentes visitas ao clube selecionado. Um esquema foi elaborado retratando os diferentes ambientes, nos quais as relações sociais se manifestam e se concretizam entre os sujeitos já mencionados.

O estabelecimento, do ponto de vista físico, é constituído por três recintos, destacando-se: no primeiro (no nível da rua) o clube, constituído por hall de entrada, recepção, corredor, salas de televisão, boate, bar, lounge externo, camarim, banheiro, salas de massagem e salas de refeições; no segundo (subsolo), a sala com os armários dos clientes, o corredor com os armários dos boys, banheiros, chuveiros, saunas seca e a vapor, corredor, sala de karaokê, bar e suítes; e no terceiro recinto, localizado no primeiro andar da construção, a maioria das suítes.

São nesses distintos ambientes que transitam principalmente boys e clientes, estabelecendo relações de contato nas quais os boys utilizam seus corpos para performances, configurando as territorialidades.

**Palavras Chave:** Relações Homocomerciais; Microterritórios; boys e clientes; Sauna de boys.

“Uma sauna de boys significa basicamente a entrada num mercado de sexo aberto, sem tabu, livre, descontraído, com enormes poderes de escolha e com opções de prazer sexual ao seu alcance”.

(Cliente entrevistado, abril de 2014)

A prostituição masculina na cidade do Rio de Janeiro, conforme apontam Mattos e Ribeiro (1995) e Ribeiro, Oliveira e Maia (2011), atualmente se manifesta em recintos fechados, como privateclubs ou saunas, onde as relações homocomerciais configuram microterritórios (SOUZA, 2013). Esta modalidade de prostituição também é oferecida pela internet, por meio de sites especializados.

Neste contexto, este artigo se propõe a discutir as relações entre boys (rapazes de programa ou michês) e clientes (frequentadores) a partir da organização interna (especialidade) de um clube privé selecionado por nós, e como essas relações se manifestam.

A justificativa para abordar a temática em tela, bem como o recorte espacial selecionado, é que a prostituição masculina fechada já existe há mais de trinta anos, recebendo público não somente da cidade do Rio de Janeiro, mas também de outros estados brasileiros e do exterior – público exclusivamente gay (RIBEIRO, OLIVEIRA E MAIA, 2011).

Os espaços fechados se configuram microterritórios, onde regras, normas e códigos de conduta são respeitados e praticados por seus proprietários ou responsáveis pelo estabelecimento e também pelos boys e clientes, apresentando uma dinâmica extremamente singular, na qual relações de poder se configuram num espaço físico composto de elementos socioespaciais, produto de ação humana e apropriado por atores sociais (MAIA, 2007).

Para Ribeiro, Oliveira e Maia (2011), de forma sintética, a territorialidade só se manifesta através do domínio e do controle social do espaço, e as relações empreendidas nesse microterritório possuem uma repercussão espacial por meio da qual se manifestam segundo a materialidade local e da construção, apropriação e valorização simbólica dessas relações.

A apropriação material e simbólica deste microterritório é exercida pela prática social dos atores, que o influenciam a partir da troca de papéis e centralidade dos sujeitos envolvidos – boys e clientes (ORNAT, 2008).

A prática social da prostituição masculina incorpora as duas faces do mesmo processo: a expressão física e materializada no espaço, a partir dos diferentes ambientes; e a expressão simbólica, que se concretiza segundo códigos que identificam esse microterritório. O mesmo se encontra embebido em relações sociais pelo poder de afirmação e de representação do “macho”. Neste contexto, por meio de ações dos corpos, produzem mercadorias (SILVA et al., 2013) como fonte de prazer pelos boys explorando “como eles são constituídos e usados, tendo como preocupação a inscrição do poder e a capacidade de resistência dos corpos envolvendo as questões de performatividade” (p. 89).

A performatividade tem por objetivo as normas socialmente construídas e impostas pelos garotos de programa, diante dos clientes que as incorporam em atos repetitivos ao frequentar o clube, utilizando-se do corpo como objeto de desejo e prazer.

Diante da problematização e do objetivo apresentados, duas questões emergem para indagação do fenômeno: 1. quais relações são estabelecidas entre boys e clientes para configurar

territorialidades? 2. quais ambientes são identificados no referido clube e quais relações se manifestam em cada um? Para cumprir o objetivo e responder os questionamentos propostos, a metodologia de pesquisa utilizada foi de trabalho de campo, com diferentes visitas ao clube selecionado, além de entrevistas informais a boys e clientes, valendo-se da etnografia móvel (mobile ethnography) e levando em consideração os aspectos da observação participante e da análise das práticas discursivas, procurando dar conta do recorte espacial selecionado.

Oliveira (2014) aponta que a etnografia móvel consiste em atribuir importância e, de certa forma, priorizar a pesquisa de campo a partir das micromobilidades. Aqui foi elaborado um esquema com o material coletado – que será exposto e detalhado na segunda parte deste artigo – que procura retratar os diferentes ambientes onde as relações sociais se manifestam e se concretizam entre clientes e boys. São nesses distintos ambientes que transitam principalmente os rapazes de programa (boys) e clientes, além de funcionários, estabelecendo relações de contato e configurando territorialidades.

A propósito da organização, o artigo foi dividido em duas seções. Na primeira discute-se a base teórico-conceitual adotada, enfatizando os conceitos de microterritório (nanoterritório), motilidade, balé do lugar, centro e margem, arranjo interno e redes sociais, em escala micro. Na segunda seção, descrevem-se os diferentes ambientes internos, em que, por meio de um esquema tridimensional, são analisados os papéis dos boys e dos clientes, configurando as diversas relações entre esses sujeitos.

## **1. Considerações teórico-conceituais em um microterritório de prostituição masculina**

A questão do território deve ser necessariamente abordada quando nos propomos a aprofundar o tema da prostituição masculina em um clube privê na cidade do Rio de Janeiro, pois entendemos que prostituição e território estão intimamente atrelados. Partimos então do conceito de território, entendido como um espaço constituído a partir de relações de poder (MATTOS; RIBEIRO, 1995; SOUZA, 1995; 2013).

Quando falamos em território, o conceito nos remete à idéia de mediação entre as relações humanas. A geografia, na condição de ciência social passa a ser responsável pela articulação entre o território e as duas bases que o delimitam: o espaço e o poder.

Marcelo Lopes de Souza (2013), ao discutir o conceito de território, diz que “é, fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (p. 78), onde relações sociais são realizadas, no caso desta análise, entre boys/clientes/boys, além das teias de significados simbólicos. O território é definido por “campos de força, só existindo enquanto durarem as relações sociais das quais eles são projeções especializadas” (SOUZA, 1995, p. 97).

Para Souza (1995, p. 87), os territórios são “antirrelações sociais projetadas no espaço que espaços concretos”. Na verdade, estas relações de poder são espacialmente delimitadas e se realizam sobre um espaço concreto que serve de referência, e, no caso em tela – representado pelo clube de boys e seus diferentes ambientes –, travam-se relações que ora colocam o cliente na margem ora no centro (ORNAT, 2008) em relação ao boy, travando um “campo de força” no qual as relações homocomerciais se manifestam.

A dimensão das relações sociais ocorre através do poder, espacialmente materializada no território, manifestando um processo de territorialização em uma escala muito reduzida, mas plena de significados, que Souza (2013, p. 105) denomina de “nanoterritórios”, nos quais “as ‘fronteiras’ englobam uma rua ou um trecho de rua, um prédio ocupado por sem-teto, uma prisão, parcela das arquibancadas de um estádio de futebol” (p. 105), entre outros.

Esse “nanoterritório” é flexível, pois se desfaz e refaz regularmente (SOUZA, 2013, p. 107) durante o período de funcionamento, dependendo dos agentes que condicionarão a sua dinâmica social. Aqui temos como recorte um “nanoterritório” fechado, privado, no qual o arranjo interno, ou

seja, a disposição de seus ambientes, está sujeito a um processo de territorialização a partir da atuação e das relações de poder manifestadas pelos boys e seus clientes.

No processo de territorialização e na escala do “nanoterritório”, não podemos deixar de abordar a motilidade discutida por Kaufmann (2002) de boys e clientes nesse microespaço. Como aponta Oliveira (2014), de acordo com aquele autor, a motilidade é entendida como o modo pelo qual um indivíduo se apropria do que é possível no domínio da mobilidade e coloca este potencial para usar em favor de suas atividades. Assim, a motilidade abarca três elementos indissociáveis e inter-relacionados: acessos, habilidades e apropriações.

Transpondo esses três elementos que configuram a motilidade para o nanoterritório analisado, podemos afirmar que os acessos correspondem às diferentes formas e graus de deslocamentos potencialmente disponíveis. Em nosso recorte espacial, o elemento físico é importante, principalmente por conta da utilização do corpo através das performances, nos diferentes recintos (Figura 1). Outro elemento importante corresponde a rede social existente de amigos, colegas, entre outros, possuindo potencial para promoção do encontro, tanto no interior do clube, como no espaço da rua. Já as habilidades estão atreladas à capacidade dos boys e clientes para reconhecerem e fazerem uso dos acessos existentes no estabelecimento, representado pelos diversos ambientes.

Estamos considerando que esse elemento da motilidade é constituído por habilidades físicas (como se deslocar de um recinto para o outro, ou percorrer os diversos ambientes, caminhar), habilidades adquiridas (saber abordar, “caçar” o cliente, ou vice-versa, a partir das diferentes performances) e habilidades organizacionais (planejar e sincronizar atividades, por exemplo). Por fim, as apropriações são entendidas como escolhas particulares (até mesmo a não ação), estando associadas às interpretações e ações diante do contato das habilidades com as possibilidades de acesso (reais, percebidas e imaginadas) apreendidas e reconhecidas no processo de territorialização. Desse modo, acessos, habilidades e apropriações constituem juntos a motilidade que auxilia nas práticas que ocasionam, por exemplo, as territorializações de boys e/ou clientes, no decorrer da permanência desses atores no estabelecimento.

Outro aporte conceitual importante para discutir as relações de boys e clientes diz respeito ao balé do lugar, conceito proposto por Seamon (1980), e que Oliveira (2002) utilizou em artigo sobre a territorialidade de travestis na área central de Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro. Neste estudo, o autor procurou “analisar a dinâmica das interações sociais e as coreografias do cotidiano por meio das quais se geram centralidades, abordando os fixos e a convergência para diversas direções, os fluxos” (OLIVEIRA, 2002, p. 149).

Para Seamon (1980), o balé do lugar é composto pelo tempo-espaço rotineiros e o balé do corpo. No exemplo que estamos trabalhando como recorte espacial, o clube privê, o tempo-espaço rotineiros, ou seja, as atividades rotineiras são aquelas empreendidas pelos boys e clientes ao se vestirem ou despirem, chegarem ao clube, voltarem para casa, entre outras, constituindo a coreografia daquele cotidiano vivido, enquanto o balé do corpo corresponde aos movimentos como gestos, passos, performances dos clientes e dos boys, configurando a territorialização, de forma que o balé do corpo está intrinsecamente ligado ao tempo-espaço. Podemos afirmar que o balé do corpo, o tempo-espaço rotineiro e o balé do lugar unem pessoas ao espaço, lugar e tempo (Oliveira, 2002). Neste balé do corpo, empreendido pelos boys e clientes, são estabelecidas relações de poder.

Apropriando-se das ideias de Silva e Ornat (2011) para discutir o grupo das travestis, podemos afirmar que os boys, lutando pela sobrevivência naquele “nanoterritório”, muitas vezes se posicionam de forma central nas relações de poder ao impor, entre outros, o preço do programa, o tipo de programa a ser feito (penetração, felação, posição de passivo/ativo) e o tempo de duração da atividade a ser realizada. Ao mesmo tempo, de forma paradoxal, podem se deslocar para as margens das relações de poder, passando a depender dos proprietários ou responsáveis pelo estabelecimento e dos clientes, que muitas vezes questionam o tipo de programa a ser realizado, impondo suas regras

aos boys – ainda que caiba a estes aceitá-las ou não, mas sem esquecer que em geral não têm alternativa senão ceder para não perderem o programa, sendo coagidos pelas condições sociais e se posicionando, desse modo, à margem da relação.

Após estas breves considerações, passaremos à análise empírica a partir da pesquisa de campo, procurando associar os diferentes ambientes internos e as territorializações existentes nesses espaços nos quais se travam as relações de poder.

## **2. Relação entre ambientes e territorialização homocomerciais no clube selecionado**

A escolha do referido recorte espacial para análise empírica decorre da importância e ressonância que este representa no contexto deste tipo de estabelecimento na oferta de serviços sexuais direcionados ao grupo gay na cidade do Rio de Janeiro (RIBEIRO; OLIVEIRA; MAIA; 2011) e sua repercussão nacional e internacional, veiculada em revistas especializadas e em sites, tornando-se pertinente a radiografia e análise desse “nanoterritório” na urbe carioca.

Localizado no bairro da Glória, próximo à área central da cidade do Rio de Janeiro, em um casarão do início do século XX, antiga residência que mudou sua configuração interna para atender essa nova atividade. Como apontou sua proprietária/empresária (SILVA, 2014) em reportagem na revista S!, quanto à abertura do empreendimento em 1998,

[...] fui ousada diante desse mundo machista, mas tinha que ajudar as pessoas a terem seu local de liberdade e trânsito livre. [...] Assim me sinto independente de ser a única mulher no ramo no Rio de Janeiro ou no Brasil. Minha atitude 16 anos atrás foi bem aceita no ramo dominado por homens, como você mesmo diz. Estou feliz. Ser mulher ou homem foi o que menos me importou (p. 3).

Um cliente residente no exterior, em entrevista realizada por Ribeiro (2014), aponta o que significa o clube: “você está pagando pelo michê e por isso pode escolher o que você gosta, o que você tem tesão (é como num sonho) [...]”; “Todos sabem que você vai lá para trepar, e tratam o sexo com naturalidade, abertamente”. E, por fim, o entrevistado aponta: “é como eu sempre digo: é como levar uma criança a uma loja de doces. Ela fica atônita no início, mas depois se esbalda”.

Isto posto, identificamos no clube os seguintes recintos, com seus distintos ambientes, distribuídos em três andares, conforme representado na figura 1. O primeiro, correspondendo ao segundo andar, localizado no nível da rua, é constituído por:

– Hall de entrada, que estabelece, a partir da porta principal, a separação entre o espaço da rua (externo – o público) e o espaço do clube (interno – o privado).

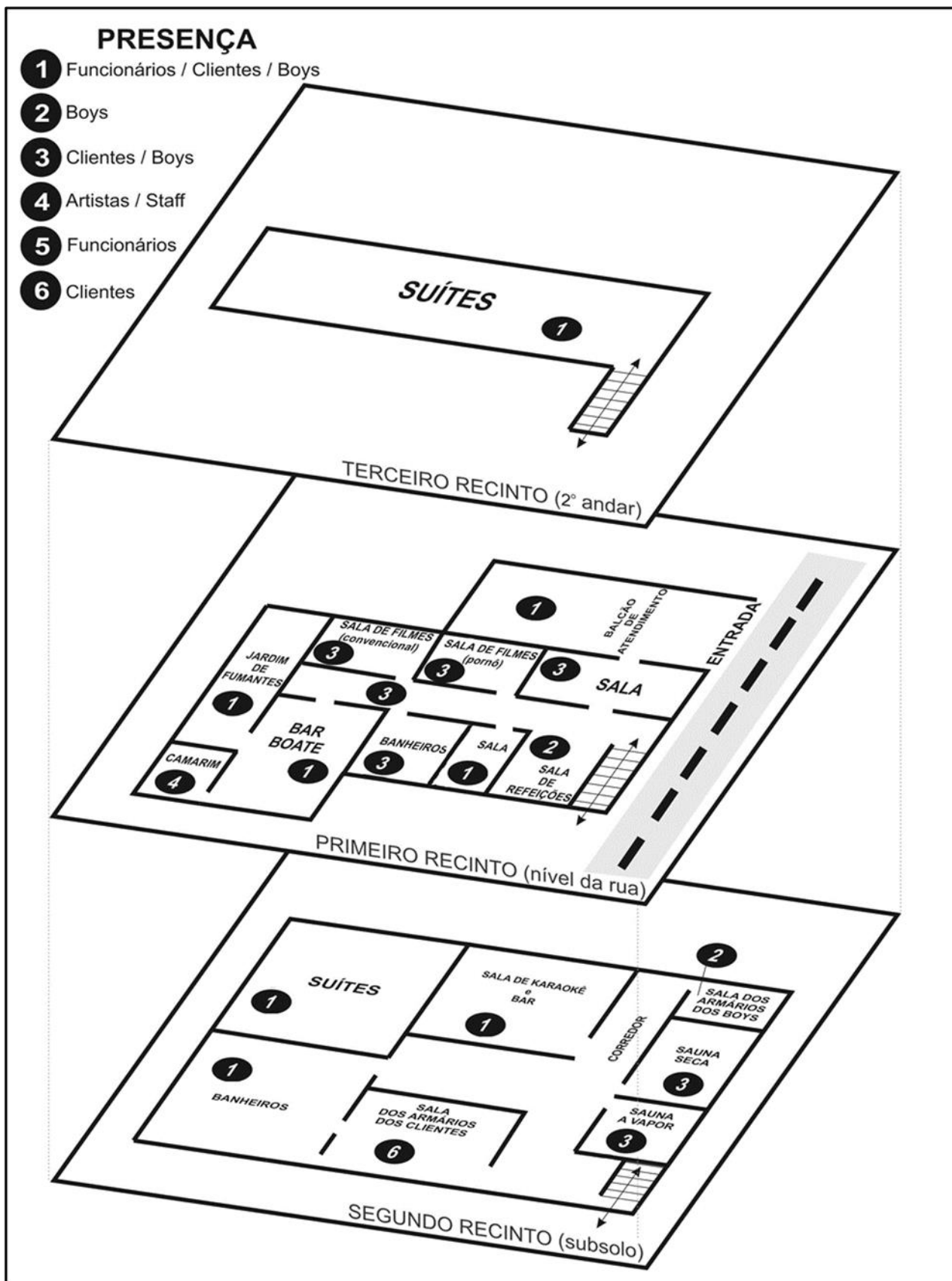
É interessante observar a chegada dos boys e dos clientes, muitas vezes tentando driblar as pessoas que passam pelo local, ainda que estas estejam alheias ao que representa aquele imóvel. Alguns clientes entram apressados, enquanto os boys procuram chegar de forma discreta. Os contatos entre boys e clientes na rua são evitados. Na entrada, seguranças dão apoio ao estabelecimento, e taxistas fazem ponto, servindo aos frequentadores.

– A recepção, onde um balcão separa os frequentadores dos funcionários (os recepcionistas) que cadastram clientes e boys após apresentação do documento de identidade. Também aí são fornecidas as chaves dos armários onde são guardadas as roupas e os pertences dos usuários e boys e realizadas as reservas de suítes para práticas sexuais mais “íntimas”, que não podem ser consumadas nos demais ambientes – apesar de alguns, por vezes, burlarem as normas estabelecidas.

Neste ambiente, também é realizado o pagamento final dos serviços utilizados pelos clientes e boys quando deixam o estabelecimento. Geralmente o boy, quando acerta o programa na cabine, se encarrega de solicitar o material para a relação sexual (gel, preservativos), que será pago pelo cliente juntamente com a cabine. A chave do cliente é levada para registro. Dependendo do dia e da

hora, muitas vezes há lista de espera para o recebimento da suíte (cabe mencionar aqui que o estabelecimento não funciona às segundas-feiras).

FIGURA 1 – Recintos, Ambientes e Relações no Nanoterritório.



FONTE: Elaborado por Ribeiro e organizado por Oliveira, a partir de pesquisas de campo. 2011 à 2014.

O pagamento do cliente ao boy é separado utilização das cabines e a massagem, quando realizados. O cliente pode frequentar o clube exclusivamente para encontrar amigos e/ou assistir as

atrações que são oferecidas, conforme anúncio publicado na revista S!, de março de 2014, indicadas no quadro 1 a seguir.

Além das atrações indicadas no quadro, o clube promove festas para comemorações especiais, tais como carnaval, aleluia, shows especiais, entre outros, permitindo estabelecer relações sociais diversas.

Cumprе mencionar que, nesse ambiente, as relações entre boys e clientes já se iniciam, com troca de olhares, e, algumas vezes, conversas são travadas, iniciando os primeiros contatos.

QUADRO 1: Atrações do clube durante os dias da semana

Dias da semana	Atrações
Terças	Show Especial
Quartas	Bingo Especial com apresentação de um <i>stripperboy</i> (sempre uma novidade a cada semana)
Quintas	Sempre uma apresentadora diferenciada com gogos em cena
Sextas	Karina Karão junto com FabyollaNitchelly intercala com Magaly Penélope junto com LordTalent, com convidadas  Bingo com Prêmios
Sábados	Especiais
Domingos	Karina Karão junto com FabyollaNitchelly intercala com Samara Rios e LordTalent  Bingo com Prêmios

Fonte: Elaborado por Ribeiro (2014) a partir de anúncio na Revista S!, ano XII, n. 139, p. 12.

– Sala e corredor de passagem para banheiro, sala de massagem, sala de refeições e salas de televisão. No ambiente da pequena sala de entrada, tem-se o acesso por escada ao terceiro recinto, correspondente ao segundo andar, onde estão localizadas as suítes, restritas aos clientes e boys que vão desfrutá-las para as atividades sexuais mais íntimas, e a escada que dá acesso ao segundo recinto, correspondente ao subsolo. A partir desta sala, atinge-se o corredor no qual em uma extremidade encontramos o banheiro, a sala de massagem e a sala para refeição dos boys, enquanto na outra extremidade estão as salas de TV e a porta que conduz à boate e ao bar.

Na sala e no corredor, onde os clientes se deslocam de um recinto para o outro, alguns boys de toalha ou totalmente nus ficam conversando e “mirando” a clientela, e alguns se utilizam de códigos de postura, materializando uma microterritorialização, dentre elas apresentando seus dotes,



tais como o membro endurecido, acariciando por vezes os clientes e dialogando com eles na procura de um programa.

Em determinadas ocasiões, essas conversas entre boys e clientes, constituídas por “toques”, que resultam na combinação de preço e tipo de relação, se concretizam nas suítes, travando uma maior intimidade entre os sujeitos.

No espaço reservado às salas de TV, no primeiro ambiente com sofá, programas televisivos de canais abertos são transmitidos. Alguns boys e clientes, dependendo da programação, assistem a jogos de futebol e programas de entretenimento.

Adentrando outro ambiente, com sofás e fila de cadeiras, os filmes pornô são a atração – chama a atenção o fato de estes serem exclusivamente heterossexuais. Nesse espaço os boys se utilizam de códigos corporais para atrair os clientes, dentre os quais também o membro exposto, frequentemente masturbando-se. O máximo de contato que pode haver entre o boy e o cliente é o ato da felação, além da mão nas partes íntimas. Este local geralmente é controlado de forma discreta por funcionários, que podem chamar atenção, principalmente dos boys, quando estes se excedem na conduta ou norma permitida.

Conforme mencionado, a partir dos olhares que se manifestam, criando assim uma cumplicidade entre os envolvidos, muitos se aproximam e travam relações rápidas, para futuro encontro mais velado nas cabines, a partir da combinação do preço e do que será realizado. Por vezes, há nesse ambiente uma grande aglomeração de boys e clientes, configurando uma microterritorialidade; outras vezes, somente os boys aproveitam o referido espaço, até mesmo para descanso.

Alguns clientes apenas se aproveitam dos boys e não concretizam o programa para não pagar pela suíte e ao boy. Os que ficam marcados por serem recorrentes nesta estratégia acabam preteridos pelos boys. O banheiro eventualmente é utilizado por boys e clientes para rápidas transações, burlando as regras estabelecidas, pois são exclusivos para a satisfação das necessidades fisiológicas. A sala de massagem também é exclusiva para a referida atividade, com um massagista credenciado

– A boate/bar é outro ambiente de entretenimento, onde são realizadas as atrações indicadas no quadro 1. Realmente se reproduz nesse espaço uma boate em dimensões reduzidas, constituída por palco para shows, mesas, sofás e o bar com assentos. Neste recinto, clientes e boys conversam, dançam, jogam, paqueram, “namoram”, criando grupos de amigos. Com música ambiente, há divertimento, mas não há transações sexuais.

Alguns clientes vão exclusivamente para encontrar amigos fazendo do clube um local de sociabilidade, não utilizando-se dos serviços de sauna. De acordo com um cliente, o local é “protegido e seguro. Ninguém vai roubar ou botar narcótico na sua bebida. Seus bens estão num ‘locker’”.

Outros vão exclusivamente à procura de boys, não permanecendo no ambiente da boate, e afirmam que “todos sabem que você vai lá para trepar”.

– O corredor de passagem com camarim é um ambiente entre a boate e o lounge externo. Nele está situado o camarim, no qual os artistas (transformistas, gogo boys) trocam de roupa (se montam) para os shows. É exclusivo para funcionários e artistas, não havendo envolvimento das relações entre boys e clientes.

– Lounge externo. Este ambiente, localizado na parte externa do clube, é constituído por sofás, mesas, camas para descanso e um bar. Uma televisão de LED apresenta, de modo geral, clipes de shows nacionais e internacionais, além de jogos de diferentes modalidades esportivas. É o único ambiente onde se permite fumar. Os grupos de clientes e boys trocam conversas, carícias e combinam programas nas cabines. Algumas performances são executadas pelos rapazes de

programa, como a ereção do pênis; outros transitam nus com o membro ereto, a fim de seduzir a clientela.

Neste ambiente são consumidas bebidas, petiscos e refeições rápidas. Alguns boys aproveitam o contato com os clientes para se alimentar e beber.

O segundo recinto corresponde ao subsolo, localizado abaixo do nível da rua, chegando-se a este local por meio de uma escada localizada, como já mencionamos, no primeiro recinto. É constituído por:

– Sala dos clientes e banheiro. Constituída por armários (locker), bancos, bancada com pia e espelho. Exclusivamente para os clientes trocarem suas roupas e guardar seus pertences. É atendido por um funcionário que lhe fornece toalha ou roupão e chinelo. Perto estão o banheiro e o mictório, para uso também dos boys.

Nestes dois ambientes, os boys transitam em direção a outros locais do referido recinto. Muitos aproveitam para abordar os frequentadores, travando diálogo e primeiros contatos, enquanto outros utilizam o local para receber o pagamento do programa realizado.

– Os armários dos boys são localizados na parte de um corredor, ocupando um pequeno espaço. Eles trocam de roupa e colocam as toalhas e chinelos fornecidos pelo clube. Alguns permanecem de sunga, não se despidendo totalmente, fazendo de certa forma mistério de seus atributos físicos. Nesse corredor estão dispostos bancos, nos quais, em alguns momentos, observam-se clientes que aproveitam para “olhar a mercadoria” que será oferecida.

Alguns destes frequentadores já têm suas preferências e conhecem alguns boys, antecipando a ida ao clube para o programa previamente combinado; do mesmo modo, alguns boys já criaram uma rede de relacionamento com alguns clientes, mantendo uma clientela fixa que contribui para o seu sustento. Outros, durante sua permanência no clube, terão que batalhar para conseguir realizar o programa, pois ficam à mercê do gosto do cliente.

Relacionamentos são mantidos por alguns boys e clientes fora das dependências do clube, sendo que alguns mantêm relacionamentos estáveis, estabelecendo diferentes graus de “amizade”.

Este corredor serve ainda de passagem para boys e clientes que se deslocam para a sala de karaokê e bar, onde pequenas performances são realizadas por transformistas. Acreditamos que, devido à localização, este espaço é muito pouco utilizado.

Em outro corredor, com acesso por este que descrevemos, são encontradas algumas suítes.

No ambiente onde estão os armários dos clientes, outro espaço é ocupado por um roupeiro, atendido por um funcionário, e há também mais duas suítes.

– As saunas seca, a vapor e os chuveiros estão localizados em um corredor que liga a sala dos armários dos clientes e dos boys, em situação oposta. Antes de descrevê-los, cumpre apontar que alguns boys ficam parados neste corredor, procurando travar contato com os passantes e fazendo performances, como a mostrando ou segurando seu membro.

Na sauna seca, boys e clientes aproveitam para relaxar e manter contato, apesar de que esta é menos frequentada do que a sauna a vapor, onde, por vezes, há um excesso de frequentadores.

Muitos se dirigem a esses dois ambientes exclusivamente para relaxar, não travando diálogo ou relações com os boys que fazem suas performances. Outros travam diálogo e “namoros” com os frequentadores, tentando seduzi-los para um programa nas suítes. Dependendo do momento e horário, esses ambientes ficam reduzidos a poucos frequentadores, podendo ocorrer algum tipo de relacionamento sexual entre eles, com pagamento inferior ao que se realiza na suíte.

Entre esses dois ambientes estão localizados os chuveiros, utilizados para banhos na chegada e saída de boys e clientes, ou nos intervalos de uso das saunas.

Por fim, no terceiro recinto, localizado no segundo andar do clube, estão localizadas as suítes, distribuídas por um corredor. Neste local há um funcionário que executa a limpeza após o término do programa. Este espaço só é frequentado por aqueles que se dirigem às suítes, por meio da escada que vem do térreo. Essas suítes são consideradas as mais confortáveis, com banheiro privativo, cama de casal e televisão.

A permanência na suíte tem duração de uma hora, estabelecida pelas normas do clube. O cliente aluga a cabine e paga ao estabelecimento por sua utilização. O preço do programa, como dissemos, é combinado diretamente com o boy. Ao término dessa hora, a chave deve ser entregue na portaria, caso contrário será cobrada uma hora extra.

Cumprе mencionar ainda que o cliente pode se dirigir à suíte com mais de um boy, dependendo do que foi estabelecido quanto ao preço entre eles.

## **Arremates**

Como pudemos observar, o ambiente em um clube gay, em seu movimento diário, é muito denso de significados, e, nesse contexto, diferentes atores se manifestam em um processo de territorialização em escala micro, no qual o corpo ganha papel de destaque, por meio das mais distintas performances realizadas pelos boys.

Portanto, podemos afirmar que o processo de territorialização só se manifesta através do domínio e do controle social do espaço, representado e exemplificado neste artigo pelo clube em análise, e neste contexto “o ato de observar é, ele mesmo, parte do espetáculo” (Gomes 2013), no qual principalmente boys e clientes, através da motilidade, se apropriam do que é possível no domínio da mobilidade em favor de suas atividades, em que os acessos, as habilidades e as apropriações por parte desses atores são importantes para configurar a microterritorialidade.

Posto isto, podemos afirmar que a prostituição masculina fechada, representada neste artigo por um clube privê, configura um nanoterritório, com suas territorialidades, imprimindo em cada recinto feições que identificam e demarcam uma centralidade, exercendo papel importante na sua organização interna e provocando uma interação entre rapazes de programa e clientes.

Como apontou um cliente, o clube representa “um lugar que expressa uma pseudo-liberdade para os homossexuais, que procuram a satisfação sexual sem compromissos, segura e variada, já que há uma diversidade de homens disponíveis para o sexo pago”.

Na verdade, podemos afirmar que a atividade da prostituição para muitos não deixa de representar, como apontam Silva, Ornat e Chimin Junior (2013), geografias malditas. Nesse contexto, essas temáticas envolvendo corpos, sexualidades e prostituição continuam sendo, no Brasil, “significativamente pouco estudadas e marginais no âmbito das geografias de gênero e sexualidades” (p. 9), vistas sob um viés moralista e preconceituoso por parte da comunidade geográfica e também pela sociedade. No entanto, não podemos menosprezá-las, pois elas, como aponta Gomes (2013), representam na verdade espelhos da sociedade em que vivemos, queiram ou não, pois muitos desses sujeitos sobrevivem deste tipo de trabalho, e outros trabalham por vontade. Portanto, poderíamos questionar: quem trabalha por necessidade deveria ser alvo de políticas que garantissem a inserção em outros tipos de trabalhos? Quem trabalha por vontade deveria ter uma legislação trabalhista que lhe garantisse direitos que outros trabalhadores já conquistaram?

## Referências

- GOMES, Paulo Cesar da Costa. *O lugar do Olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- KAUFMANN, Vincent. *Re-thinking mobility: contemporary sociology*. Hampshire: Ashgate Publishing, 2002.
- MAIA, Gessé da Silva. *Os Territórios Fechados da Prostituição Masculina na Cidade do Rio de Janeiro: o exemplo das saunas*. 2007. Monografia (pós graduação Lato Sensu em Políticas Territoriais no Estado do Rio de Janeiro) – UERJ, Rio de Janeiro.
- MATTOS, Rogério Botelho de; RIBEIRO, Miguel Angelo. “Territórios da Prostituição nos Espaços Públicos da Área Central do Rio de Janeiro”. *Boletim Goiano*, Vol. 15, n. 1, p 57 – 89, jan/dez. 1995.
- OLIVEIRA, Rafael da Silva. “Do Espaço Fechado ao Espaço Coletivo: o balé do lugar em meio à territorialidade da prostituição dos travestis na área central de Nova Iguaçu, RJ”. In: RIBEIRO, Miguel Angelo. *Território e Prostituição na Metrópole Carioca*. 1 ed. São João de Meriti, RJ: Ed. Ecomuseu Fluminense, 2002. P. 141. 159.
- \_\_\_\_\_. *Mobilidades Transgressoras, Geografias Ignoradas: itinerários e emaranhamentos envolvendo territorialidades de garimpeiros no Suriname*. 2014. Tese (doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, USP, São Paulo – SP.
- ORNAT, Márcio José. “Sobre Espaço, Gênero e Sexualidade”. *Terr@ Plural*, n. 2, p. 309 - 322. 2008.
- RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva; MAIA, Gessé da Silva; “Dinâmica e Espacialidade das Saunas de Boys na Cidade do Rio de Janeiro”. In: RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva (Orgs.). *Território, Sexo e Prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gramma, 2011. p. 89. 101.
- SEAMON, David. ”Body-subject, time-spaceroutinesandplace-ballets”. In: BUTTIMER, Ane; SEAMON, David (eds). *The Humam Experience of Space andPlace*. New York: St. Martin’s Press, 1980. P 148. 165.
- SILVA, José Carlos. “MonikCretton. Uma mulher à frente do seu tempo”. *Revista S!*, nº 139, p. 3, março. 2014.
- SILVA, Joseli Maria et alii. “O Corpo como Elemento das Geografias Feministas e Queer: um desafio para a análise no Brasil”. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). *Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços*. Ponta Grossa: Editora Todapalavra, 2013. p. 85. 142.
- SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José. “Sobre sexualidade e espaço: prostituição e território travesti”. In: RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva (Orgs). *Território, Sexo e Prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira*. Rio de Janeiro: Gramma, 2011. P. 167 – 184.
- SOUZA, Marcelo Lopes de; “O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In: CASTRO, Iná Elias de et alii (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77. 116.
- \_\_\_\_\_. *Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial*. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

